

prevenção

MÉTODO UTILIZADO PARA AMENIZAR EFEITOS DO CLIMATÉRIO
INFLUENCIA RISCO DE CÂNCER

REPOSIÇÃO HORMONAL NA BERLINDA



A medicina é uma ciência em constante atualização. Por isso, é comum que procedimentos considerados consolidados sofram reavaliações e até condenações. Não foi diferente com a terapia de reposição hormonal, largamente administrada durante o climatério – etapa final do ciclo reprodutivo feminino, caracterizada pela redução da produção de hormônios sexuais pelo ovário e pela interrupção da menstruação.

Inicialmente, o tratamento foi apontado como solução para os efeitos típicos dessa fase da vida: intensas ondas de calor, fortes dores de cabeça, irritabilidade, ansiedade, perda de libido e ressecamento vaginal. E mais: a terapia reduziria o risco de doenças cardiovasculares, preveniria a osteoporose e evitaria o câncer de endométrio. Desde a década de 1970, porém, o método tem sido alvo de estudos científicos internacionais que discutem a sua segurança.

A polêmica teve início quando a suposta capacidade de proteção cardiovascular foi desmitificada.

Os resultados mais recentes, divulgados em 2003 e 2007, confirmam também a associação entre a administração de hormônios e a ocorrência de câncer de mama, útero e ovário. Apesar dessas descobertas, a terapia de reposição hormonal para o controle dos sintomas do climatério e da menopausa ainda é reconhecida como eficaz pelos médicos. A contribuição para a prevenção da osteoporose também continua sendo aceita. Como pesar, então, os riscos e benefícios desse polêmico tratamento?

O epidemiologista Moyses Szklo, consultor do Instituto Nacional de Câncer (INCA) e pesquisador da Escola de Saúde Pública John Hopkins Bloomberg, nos Estados Unidos, pondera. “Como os efeitos maléficos da terapia de reposição hormonal são cumulativos – isto é, sua gravidade é proporcional à duração do tratamento –, podemos considerar a possibilidade de um esquema terapêutico de curtíssima duração, quando os sintomas forem realmente insuportáveis

para a mulher”, afirma. Szklo admite que a terapia de reposição hormonal previne a osteoporose, mas ressalta que existem outros métodos para evitar a doença provocada pela perda de cálcio – por exemplo, a administração de drogas antirreabsortivas, como os bifosfonatos e o raloxifeno.

O mastologista Pedro Aurélio Ormonde do Carmo, chefe do Serviço de Mastologia do INCA, explica que, até a última década, a prescrição da terapia de reposição hormonal prolongada – realizada por mais de cinco anos – era justificada por estudos observacionais que demonstravam o efeito protetor do estrogênio para os ossos e o coração. “Essa premissa não é mais válida. Dados recentes informam que a administração de hormônios não é cardioprotetora e pode aumentar o risco de acidente vascular cerebral, doença tromboembólica e câncer de mama”, afirma Pedro Aurélio.

Os especialistas concordam que a distância entre a produção de conhecimento científico e a sua implementação pela classe médica é um fato complicador da questão. “A ideia de rejuvenescimento associada à terapia de reposição hormonal é almejada pelas mulheres. Cabe aos médicos explicar às pacientes os riscos do tratamento e, em situações de contraindicação, propor alternativas terapêuticas”, afirma Pedro Aurélio.

Szklo esclarece que o climatério e a menopausa são eventos fisiológicos, e não patológicos. Por isso, não devem ser necessariamente tratados com medicamentos. “Essa é uma fase natural na vida da mulher, como a adolescência ou a menarca. É uma etapa específica do ciclo reprodutivo, que marca o término da ovulação. Muitas vezes, é desagradável e deve ser enfrentada com cautela e paciência”, considera o epidemiologista. Segundo a Sociedade Brasileira do Climatério, 75% dos mais de 11 milhões de brasileiras com idades entre 45 e 64 anos sofrem com os efeitos do climatério. Entre elas, 8% fazem o tratamento com hormônios.

ALERTA PARA O CÂNCER DE MAMA E OUTRAS NEOPLASIAS

A associação entre a terapia de reposição hormonal e a ocorrência de câncer de mama foi confirmada em 2003 pelo estudo norte-americano Iniciativa para a Saúde das Mulheres (WHI, na sigla em inglês), publicado em 2003 pelo National Institute of Health

“Dados recentes informam que a administração de hormônios não é cardioprotetora e pode aumentar o risco de acidente vascular cerebral, doença tromboembólica e câncer de mama”

PEDRO AURÉLIO ORMONDE, mastologista

(NIH). O ensaio clínico foi realizado com mulheres saudáveis na pós-menopausa, com idades entre 50 e 79 anos. As pacientes foram organizadas em dois grupos – com e sem útero – e receberam, aleatoriamente, a terapia hormonal combinada (estrogênio mais progesterona), estrogênio isolado ou placebo.

Parte do estudo, planejado para durar uma década, foi interrompida cinco anos mais cedo para preservar a saúde das pacientes. “As mulheres que receberam terapia hormonal combinada registraram aumento do risco de câncer de mama em 26%, além de doença coronária, acidente vascular cerebral e eventos tromboembólicos”, descreve Pedro Aurélio. Em quase sete anos de avaliação, o grupo que recebeu estrogênio isolado não apresentou aumento do risco de câncer de mama. “Apesar disso, não podemos afirmar que o risco não exista”, alerta o mastologista.

A terapia de reposição hormonal pode influenciar também a propensão de mulheres ao desenvolvimento de tumores ovarianos. A conclusão é do Estudo de 1 Milhão de Mulheres, publicado em 2007 pelo Cancer Research UK e pelo National Health Service Breast Screening Programme, da Grã-Bretanha. Segundo a pesquisa, o tratamento aumenta em 63% a incidência de câncer de ovário e em 20% o risco de morte por essa neoplasia.

Szklo explica que risco de câncer de ovário é atribuído também à ocorrência de câncer de mama, pois as duas neoplasias têm a mesma base genética. “Além dos tumores tipicamente femininos, a terapia de reposição hormonal pode estar relacionada ao câncer de pulmão. Alguns estudos sugerem essa associação, mas os resultados ainda são preliminares”, observa o epidemiologista.

ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR PARA O CLIMATÉRIO

O ginecologista Odilon Iannetta considera a terapia de reposição hormonal uma possibilidade interessante para mulheres que enfrentam o climatério – desde que o tratamento seja administrado com precaução, responsabilidade e como um aspecto da atenção integral à paciente. O médico é pioneiro na área. Iannetta fundou e coordena os primeiros serviços de saúde especializados na abordagem multidisciplinar do climatério no mundo e na América Latina: o Serviço Público de Climatério do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP/USP), em 1976, e a clínica particular Climatérium, em 1996, respectivamente.

O especialista frisa que o cuidado para evitar ou aliviar as sensações características desse período da vida da mulher deve ser preventivo e não curativo. Segundo Iannetta, com a ajuda de dois marcadores biológicos – o rastreamento do colágeno ósseo e a avaliação da reserva folicular ovariana –, é possível investigar, com antecedência, os efeitos indesejados e preveni-los por meio de uma abordagem multidisciplinar, que atenda a paciente de forma integral.

O ginecologista afirma que a terapia de reposição hormonal pode evitar a perda de 42% do tecido ósseo, quadro comum entre mulheres que passam pelo climatério sem recorrer aos hormônios. “Com o tratamento, é possível reduzir de forma expressiva, em torno de 80%, o risco de fraturas por osteoporose em mulheres com mais de 65 anos”, diz. No entanto, hormônios devem ser prescritos somente após o rastreamento do colágeno ósseo e dos aparelhos ginecológico, mamário, cardiovascular, ocular e auditivo, além da avaliação psíquica da paciente, ressalta Iannetta.

O médico reconhece que a terapia de reposição hormonal é contraindicada para muitas pacientes – mulheres que têm histórico familiar de câncer de mama, por exemplo. “Nesses casos, terapêuticas alternativas são mais indicadas. Mas somente aliviar os efeitos do climatério não corrige o déficit hormonal nem previne contra outras doenças”, afirma Iannetta. No Serviço Público de Climatério do Hospital das Clínicas da FMRP/USP, 26% dos atendimentos resultam na prescrição de terapias alternativas: homeopatia, fitoterapia, acupuntura, aromaterapia e também antidepressivos, tranquilizantes e ansiolíticos. |



ALTERNATIVAS À REPOSIÇÃO HORMONAL

Métodos alternativos à reposição hormonal podem amenizar os efeitos do climatério. Os resultados obtidos com essas terapias são empíricos, observados a partir da experiência das pacientes.

Homeopatia – Diferentemente da alopatia, essa área da medicina trabalha com o princípio da semelhança: o tratamento é feito a partir de substâncias que provocam os sintomas a serem combatidos. O objetivo é estimular a resposta protetora do organismo.

Fitoterapia – O uso de substâncias naturais na medicina é crescente e deve ser sempre prescrito por um médico. Para o climatério, são indicados dois extratos que atuam de forma semelhante aos hormônios: a isoflavona, encontrada na soja, e o alcaloide triterpeno, presente na planta *Cimifuga rasemosa*.

Ioga – Algumas posições estimulam a produção de hormônios. A prática de exercícios combate a ansiedade e confere tranquilidade à mulher.